

# IRKA BARRIOS



Voo Solo  
Sem Condições de Pouso

— DARKSIDE — DRK —

EXTENDED HIGH END LOW NOISE HIGH OUTPUT



Contos de Natal

# DARK

*“Uma mixtape para desgraçar o seu Natal”*

*I wish I was special  
but I'm a creep  
I'm a weirdo  
What the hell am I doing here?*



Um conto de Natal de  
**IRKA BARRIOS**

# voo solo sem condições de pouso

Sou esquisita, eu sei. Minha família também sabe e me trata como tal. Desde pequena, carrego o peso da comparação. Meu azar foi ter chegado ao mundo trinta segundos depois dela. A mãe conta que não chorei. Não tive oportunidade, os berros de minha irmã desestabilizaram médicas, enfermeiras, o hospital todinho. Meus primeiros movimentos nesse novo mundo hostil me fizeram compreender que o protagonismo pertencia a ela.

Fez bem, afirmava mamãe. Ninguém suportaria duas bebês berrando àquela hora da madrugada.

Asseguro, porém, que dividimos apenas o útero. Todo o resto que há entre nós age como uma oposição de forças. Desde criança, minha irmã é a bela, a talentosa, a simpática. Coube a mim assumir o papel da feia, da simplória e da retraída. Esse papo de irmãos opostos é coisa antiga, eu sei. Desde a Bíblia, Caim e Abel competiam pela atenção dos pais. Não somos as únicas, por que lutar contra a natureza humana? Deixemos as ilusões para os românticos, realistas veem a natureza como um ambiente de batalhas sangrentas.

Meus pais sonhavam com cinco filhas. Financiaram terreno, construíram uma casa enorme para acomodar seus sonhos. Após o parto que resultou na histerectomia de mamãe, tiveram que se contentar com duas: a gêmea boa e a gêmea má. A vantagem é que a casa possibilitou nossa individualidade. Desde cedo, dormimos em quartos separados.

A família nunca me tratou mal, não é esse o caso. Tive acesso à mesma escola de minha irmã, recebi a mesma alimentação, brinquedos similares, decoração do quarto a nosso gosto, crédito nas mesmas lojas de roupas. A segregação era um comportamento sutil, por vezes imperceptível. Surgia através de um comentário disfarçado de preocupação. Na adolescência, os cuidados com a pele foram pautas recorrentes do almoço em família. A causa eram as espinhas que dominavam cada centímetro de minhas bochechas, testa e nariz.

Vou te levar ao dermatologista, mamãe dizia. Sem interromper o percurso do garfo até a boca, papai concordava com um aceno de cabeça. E a maninha não ousava erguer os olhos. Um leve tremor no ritmo de sua respiração denunciava o que havia no cérebro protegido por aquela pele de pêsego. E eu percebia o riso escondido por trás daqueles dentes.

Os dentes também se tornaram motivo de comparação. Enquanto os dela cresciam retinhos, cada um em seu devido lugar, os meus vieram tortos, os caninos bem à frente, como dente de vampiro (e os de baixo tão acavalados que eu mal conseguia limpar).

Você gasta com dentista, sua irmã com cosmético, mamãe alegava ao deixá-la no shopping. É justo que cada uma receba a mesma quantia de dinheiro para suas necessidades.

Enquanto ela experimentava roupas em frente a espelhos polidos, namorava e se acabava em festas, eu amargava a dor das borrachinhas e das extrações. Mas não devo me apegar a essa fase sombria do passado. Maninha recebeu o que merecia quando encontrei meios de calar sua vozinha meiga.

Meu quarto, tão delicado — rosa e roxo em listras no papel de parede — deixou de me acolher após eu completar quinze anos. Cores escuras, em especial o preto, me interessavam bem mais. Foi um grande

embate em família, mas eu não estava a fim de recuar do passo que considerei meu primeiro grito artístico. Meus pais surtaram no dia em que flagraram o quarto inteiro, parede, teto, móveis e até o vidro da janela pintados com a minha nova cor favorita. Não teve negociação. Bem, na verdade teve. Ganhei um cômodo a mais, o sótão. Não sou idiota, percebi que se tratava de uma metáfora. Restringir a artista a um espaço que, mesmo estando acima do convívio comum — remetendo a uma aura de elevação — é escuro, restrito, claustrofóbico. Papai mandou retirar todos os objetos que havia acumulado durante anos, e me autorizou a ocupá-lo. Eu agora podia fazer o que bem entendesse em meu reino particular. Não tive dúvidas: carreguei as mesmas tintas pretas lá para cima. Obedecendo ao impulso artístico que me tomava, fiz questão de não seguir regras. Usando um pincel grosso, salpiquei a tinta sobre os móveis, quadros, cobertas, roupas e tudo o que fora largado pelo chão durante a mudança. As capas dos livros de minha biblioteca se tornaram únicas após a intervenção. Posicionei-os na estante, os de horror na parte de cima; os romances levinhos, que me entretinham nas fases de ressaca literária, nas prateleiras de baixo; e os mais filosóficos, amigos de todas as angústias, na altura dos olhos.

Nunca precisei proibir a família de subir ao meu ateliê. Ninguém se interessava pela minha arte.

Quando anunciei que escrevia um romance, a família não escondeu a perplexidade. Um segundo depois, constrangidos pela reação inicial, todos levantaram de seus lugares e me parabenizaram. Abraços, apertos de mão efusivos e lágrimas no rosto de mamãe compuseram o ridículo da cena. Como tudo pode piorar, papai se ofereceu para enviar o manuscrito à editora de uma amiga. O início da carreira, todos sabem, é difícil — ele frisou. Não permitiria que eu vivenciasse a experiência ruim dos nãoos que os novatos recebem. Pagaria pela publicação. No susto, eu concordei. Depois evitei tratar do assunto. Não queria que a maninha me imitasse. Caso ela considerasse se tornar escritora, eu teria de enfrentar nova concorrência. Melhor mantê-la pensando que eu havia escolhido um caminho de decepções.

Enganei-me. Com o tempo ela deixou de prestar a atenção no que eu fazia. Tornava-se uma adulta fútil. Em oposição, eu me tornava cada vez mais interessante. Lia noites inteiras, discutia filosofia e psicanálise em fóruns online, onde eu era muito respeitada. Passei a evitar minha família, considerava-os burros, com visões limitadas de mundo. As ideias desinteressantes trocadas durante as refeições se tornaram um sofrimento. Maninha seguia linda no recheio e vazia no interior, só falava em produtos de beleza, roupas, bolsas e sapatos de grife. Curvados aos seus encantos, meus pais a encorajavam. Acreditavam que ela venceria com folga qualquer concurso de miss.

Seis meses depois de abraçar meu verdadeiro talento, publiquei o livro. Tratava de um tema tão essencial, tão denso e instigante que demorei a encontrar editora que se interessasse pelo conteúdo. Não me deixei abater, as editoras são covardes, não reconhecem a genialidade assim, de cara. Com os leitores ocorreu o mesmo. Vi meu livro criando teia de aranha nas prateleiras das grandes redes de livrarias. Poucos amigos do fórum da internet o compraram. E quem comprou não leu. A gente percebe quem mente. Os comentários de quem mal folheou o livro são generalistas. Ridículos.

A rejeição me encheu de raiva, e a raiva me impulsionou a escrever ainda mais. Em dois anos, publiquei quatro livros, um melhor do que o outro. A dificuldade de circulação persistia, atingindo minha confiança com golpes cruéis. Ninguém se conectava comigo a ponto de compreender as mensagens presentes no texto. Os poucos leitores que se dispunham a escrever resenhas, detonavam meus livros pontuando-os com uma estrela. Provei do gosto da ruína durante um bom tempo, até que conquistei um fã, um garoto de dezoito anos.

Rafael me escreveu uma madrugada após devorar *O vulto leitoso no banco de trás*. Contou que passara o dia sem se alimentar, preso ao livro. Tremia se o abandonava por cinco minutos. Eu sabia que um dia meu valor seria reconhecido, gritei assim que li a mensagem. Enviei uma resposta comedida, não é de bom tom demonstrar empolgação em um primeiro contato. Rafael retornou inúmeras vezes, comprou os outros livros, devorou-os em uma semana. A cada insight, enviava mensagens, algumas bastante emotivas. *Água que escorre como lava* o fez visitar a infância,

os dramas e as dores. Nunca tinha visto o pai com o olhar que *Água* lhe proporcionou. Insano! Incrível! *O sistema submerso das vontades* foi um mergulho diferente, dentro de seu próprio eu. Questionou todas as suas escolhas assim que leu a última frase de *O sistema*. Mas o favorito, sem a menor dúvida, era *Destampar o mundo*. Passou a me venerar após essa leitura intensa que trazia tantas verdades sobre o futuro que nos aguarda.

Genial! Você é genial! — e inseria diversas exclamações ao fim de cada mensagem.

Deixei-me seduzir, era difícil manter a modéstia frente a um fã tão devoto. Tornamo-nos amigos. Faminto, Rafael queria ler tudo o que eu produzia, até os rascunhos descartados. Considerava-os incríveis, não tinha sequer uma autora que chegasse aos meus pés. A editora não me compreendia, a genialidade demora a ser percebida. Uma pena! Sofreu ao meu lado quando romperam o contrato por falta de circulação dos livros. Compartilhou da minha dor, foi o primeiro a incentivar que eu procurasse outra casa editorial. Trabalhamos juntos, preparamos arquivos, enviamos a inúmeros contatos. Só recebemos negativas e eu quase desisti. Mas Rafael nunca desistiu, convenceu-me a recorrer ao meu pai. Com seu dinheiro seria possível bancar meu próximo livro. Rafael acompanhou de perto a produção de minha obra mais ousada, um olhar verdadeiro sobre as relações humanas do presente e do passado.

Deixei a modéstia de lado, contratei serviços de agente e de assessoria de imprensa. *Voo solo sem condições de pouso* apareceria em tudo quanto é veículo. Não deu outra, as vendas dispararam, do dia para a noite a editora reimprimiu mais dez mil exemplares. Comemoramos os números animadores, tão mais elevados que nossas expectativas mais promissoras. Podíamos finalmente acreditar que havia uma camada bem distinta dentro do público leitor.

São pessoas inteligentíssimas, diferenciadas, meu erro inicial foi não acertar o nicho — confessei a Rafael enquanto brindávamos a conquista.

Dois meses depois, a editora escreveu, muito empolgada. Preparava-se para a terceira reimpressão, recebera pedidos de fornecedores do país inteiro, mais de quarenta mil cópias. Brindamos outras vezes, totalmente ignorantes ao problemão que se formava.

Foram as reviews que derrubaram a minha autoconfiança. Não havia uma positiva. As pessoas compravam meu livro para odiá-lo, faziam questão de comentar as piores coisas a respeito dele. Soubemos, inclusive, que havia grupos especializados em distribuir *hate* não só contra *Voo solo sem condições de pouso*, mas a todos os meus livros anteriores. A comunidade crescia tanto que as vendas explodiram, a editora anterior implorou por novo contrato. Confusa, aceitei. Ouvi Rafael que, apesar de tão jovem, compreendia o sucesso de forma diferente. Alegava que sua geração se comportava de outro jeito, muito imprevisível, e que o ódio em grupo era sucesso, sim.

Cedi, mesmo tendo que dominar meu orgulho ferido. Uma tarde, tomada por tristeza e dor, acessei as páginas de reviews de um grande portal. Li a enxurrada de ofensas, desde gente reclamando de itens técnicos, como ilustração de capa, tipo de fonte usada, diagramação, até leitor dizendo que eu deveria morrer. Eu escrevia muito mal, a história era ridícula, eu era ridícula. Quando Rafael chegou, eu chorava sobre o notebook. Sem argumentos para me consolar, ele acatou meu plano.

Era algo bem simples: reconheceríamos o responsável pelo grupo e o sequestraríamos. O resgate seria apagar as mensagens negativas e substituir apenas por elogios aos meus livros. Levaria tempo? Sim, provavelmente. Mas tínhamos dez dias para executar o plano. Aproveitaríamos a viagem de meus pais e da maninha para um curso de miss.

Não foi difícil encontrar o mentor dos *haters*. Giovani era um garoto da idade de Rafael, que morava a duas quadras de minha casa.

Certeza que ele te vigia — Rafael disse sem conter a raiva. Abraçou-me, não podia me ver triste. Eu me sentia tão vulnerável que aceitei o beijo e a transa. Na manhã seguinte, ainda na cama, ouvi-o confessar que me amou desde o dia em que leu a primeira frase de *O vulto leitoso no banco de trás*.

Vamos acabar com esse desgraçado — disse. — Não é qualquer grupinho de acéfalos que vai esculhambar a carreira da melhor escritora do mundo.

Capturar Giovani foi fácil, Rafael o abordou, convidou-o para entrar no carro. Tarde chuvosa, ninguém na rua. Assim que ele me reconheceu, seu sorriso se iluminou. Devia estar se achando famoso. Em menos de dez minutos, estava algemado e amordaçado no sótão.

Confesso, eu tinha a maior curiosidade de presenciar a tortura *in loco*. Analisar como um corpo sofre; como os tecidos reagem e se refazem após a agressão era algo que eu havia experimentado apenas uma vez, no acidente em que maninha levou a pior e perdeu metade da língua. Foi pouco, queria mais.

Rafael demorou a vencer certos pudores. Tive que apelar, contar que usaria a experiência como estudo de personagem para o livro novo. Só então ele mostrou o sádico que escondia dentro de si. Não economizamos nos choques elétricos, afogamentos e palmatórias. Giovani emitia gritos diferentes para cada procedimento, mais agudos para unhas arrancadas, mais roucos para os choques, e gemidos de lamento para as ameaças. O sistema de abafamento de som que implantamos no sótão não continha todos os barulhos e, quando nos demos conta disso, fomos obrigados a manejar. Desistimos de cortar as bolas dele. Optamos por dores menos intensas. Enquanto Rafael cauterizava os cortes na pele do prisioneiro, eu descrevia a cena em tempo real. Consegui captar os timbres das vozes com perfeição.

Lindo, lindo! O corpo é mesmo uma máquina!

Asfixia com saco plástico nos interessou na fase seguinte. Passamos a abusar do método, uma tortura quase sem som; era divertido demais.

Não queria matá-lo, eu juro que não queria. Dois problemas me fizeram mudar de ideia. Primeiro: o Natal se aproximava e, com ele, o retorno de minha família.

De novo a família atrapalhando a minha arte — desabafei.

Uma hora damos um jeito neles — Rafael me consolou.

Combinamos que outra hora, no futuro, cuidaríamos daqueles intrusos. No momento, outras prioridades nos ocupavam. Precisávamos nos livrar do Giovani, o cara não apresentava mais condições de voltar à convivência social. Falava coisas sem sentido, mantinha o olhar parado, mal reagia às nossas ameaças. Fascinados pela experiência da

tortura, esquecemos de anotar as senhas que ele entregou uma a uma. Se nossa motivação fosse mesquinha, limparíamos as contas bancárias do prisioneiro. Mas nossa motivação era superior, artística. Desistimos de apagar as reviews negativas, elas se tornaram coisa tão pequena perto da elevação que havíamos alcançado.

O segundo problema era de ordem mais literária: meu personagem precisava morrer. E eu tinha me agarrado à técnica de narrar *in loco*. A cena demandava uma narração bem convincente.

Tudo pela arte — Rafael gritou enquanto acertava a primeira machadada nas costas de Giovanni.

Tudo pela arte — encostei a ponta da adaga no peito dele. Surpreendeu-me a força que tive que aplicar para que ela trespassasse o coração.

Foi assim que meu *hater* se despediu deste mundo. Senti remorso? Acho que um pouquinho. Afinal, ele foi um leitor fiel, o cara responsável pela minha fama. Depois repensei, não havia por que me arrepender. Ele me deu a fama, eu o immortalizei em minha obra.

Ah, claro... Já ia esquecendo de um detalhe crucial.

Sou escritora e não posso deixar a história mal amarrada. É importante que eu elucide o desfecho da maninha. Na noite de Natal, após a troca dos presentes, todo mundo trazia notícia boa. Anunciei que havia finalizado meu novo romance e maninha, para não ficar atrás, conseguiu a segunda colocação no concurso de miss.

A mais bela concorrente, mamãe afirmou cheia de categoria.

Não fosse a dificuldade na fala, papai lamentou.

Parabenizei-a com um beijo no alto da cabeça. Uma pena o acidente.

**IRKA BARRIOS** é autora de *Vespeiro* (DarkSide Books, 2023), *Lauren* (Caos & Letras, 2019) e *Júpiter Marte Saturno* (UboroLopes, 2022). Recebeu os prêmios Brasil em Prosa (Amazon, 2015), Odisseia da Literatura Fantástica (2022) e AGES — Narrativa Curta (2023) e Livro do ano (2023). Foi indicada aos prêmios Jabuti em 2020, Academia Rio-Grandense de Letras em 2023, ABERST (Associação Brasileira de Escritores de Romance Policial, Suspense e Terror) e AGES (Associação Gaúcha de Escritores) em 2024.

Contos de Natal

# DARK

*“Uma mixtape para desgraçar o seu Natal”*

mixtape completa



[DARKSIDEBOOKS.COM](http://DARKSIDEBOOKS.COM)